

Diversão e Cultura

Quando penso no Museu do Ipiranga, vem a mim a saudade de um tempo que não vivi. Imaginar que tenho acesso a esse símbolo onde foi dado o grito de independência do Brasil, nas margens de um rio de águas barrentas e vermelhas: “ypi anga”, nome dado pelos índios, agrega-me uma memória de valor histórico. Pois, naquele momento, “o temor servil” longe foi deixado, já nos revelando uma nação que se reinventa a cada dia em busca de sua liberdade que não para de pulsar. Passam-se os anos e a “esperança equilibrada” permanece de várias formas com um povo miscigenado que “tem que continuar”.

O Museu Paulista, desde sua arquitetura eclética, demonstra as marcas de uma nova pátria que foi se formando a partir das influências indígena e internacional. Lembro-me da primeira vez que, quando criança, fui a esse lugar admirável. Não tenho como descrever detalhes do contato com o acervo, mas ficou guardada a sensação de estar ali. Era tudo novidade e diversão. A imagem que se fixou em minha memória foi a da casa do grito, o imóvel incorporado ao Parque da Independência, talvez por trazer um universo bem diferente do meu, demonstrando um pouco da vida daqueles que passavam por ali no início do século XIX.

Recordar desse evento me faz ter a certeza de que se deve levar as crianças a passeios culturais, pois, mesmo eu sendo uma, e não tendo ainda uma compreensão mais ampla sobre as coisas, pude sentir, naquele momento, um pouco do significado que o lugar representa.

Já adulta, acabei fazendo outras visitas. Mas a última foi bem significativa, pois levei meu filho Fernando, há alguns anos, para conhecer o museu. Para ele, claro, é sempre

uma alegria viver novos ambientes. Assim, chegando lá, logo manifestou sua meninez, iniciando o passeio correndo pelo jardim até o museu. Ao se deparar com uma das estátuas da entrada: bandeirante Fernão Dias Paes Leme, que para ele era um boneco gigante, ficou meio ressabiado de chegar perto e disse:

– Mãe, olha isso!

Expliquei quem foi ele. Penso que se deve esclarecer, mesmo tendo a impressão de que a criança não ouviu como você gostaria que ela ouvisse. Em seguida, quando estávamos subindo a escada interna do museu, ele se atentou às cúpulas de água das ânforas e, como elas têm o formato de uma bola, pegar uma delas e fazê-la rolar seria o máximo!

Em seguida, fiquei um pouco surpresa quando vi que ele olhou a estátua de bronze de D. Pedro I e o reconheceu. Esse foi um daqueles instantes que o seu filho diz algo que demonstra que vale a pena o papel da escola em seu desenvolvimento.

Depois de mais alguns degraus, avistou o quadro “Independência ou morte” e, como já era de se esperar, disse:

– Nossa, “mano”, que quadro gigante!

Os cavalos do quadro eram bem interessantes para ele. É meio lúdico vê-lo dando ênfase para os animais, mas também é curioso observar a assimilação que ele fazia com seu mundo infantil. Assim também, quando se deparou com as carruagens da época.

Tive a impressão de que, mesmo comentando o significado da obra e do lugar em que estávamos, ele relacionava aquele ambiente com os castelos de seus desenhos de soldados corajosos defendendo o reino.

Observar a experiência dele com o Museu do Ipiranga foi muito bom! Em meio a diversão e a fantasia, somente o tempo revelará o quanto ficou arraigado em seu coração e mente do imaginário monárquico e da independência do nosso Brasil.